

MEDOS E INCERTEZAS NAS PRATICAS ESPACIAIS DE CRIANÇAS NA CIDADE DE CURITIBA E SEUS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

Valéria Milena Rohrich Ferreira – UFPR

Agência Financiadora: CAPES

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade apresenta ao pesquisador uma dentre diversas questões importantes de pesquisa: a socialização dos indivíduos em contextos urbanos. O inchaço das grandes cidades, a mudança na sua paisagem geográfica, a desigual densidade da população dos bairros, as fronteiras bem demarcadas entre alguns deles, a injustiça e a pobreza em determinadas regiões, demonstram que a cidade é resultado de práticas e representações múltiplas e contraditórias. E se os espaços têm “propriedades próprias”- no sentido durkheimiano do termo (in Authier, 2006)- que influenciam as ações humanas, a cidade, por ela mesma, é também uma das instâncias de socialização que fazem dos homens o que são. Os indivíduos são constituídos pela cidade onde moram, trabalham e convivem ao mesmo tempo em que a fazem e a constituem.

No caso específico de Curitiba, cidade tratada neste artigo, pode-se dizer que ela carrega hoje as marcas de uma configuração social mais larga no tempo, constituída nos últimos 60 ou 70 anos, relacionada, entre tantos outros aspectos, a novos equipamentos públicos construídos; à necessidade de planejamento constante pelo seu crescimento; à industrialização paranaense; e, mesmo antes disso, pela construção de uma identidade própria para o Paraná nas primeiras décadas do século XX (por meio de um movimento artístico, literário e político denominado Paranismo).

Assim, Curitiba na virada do século XX para o XXI não só sintetizava em um projeto explícito de cidade muitas destas características acima mencionadas como também acentuava, por meio de slogans e imagens fortes, sua vocação ecológica e de soluções urbanas. A força de tal projeto veio ajudando portanto, na construção de uma cidade que atualmente apresenta-se cada vez mais elitizada, empurrando as camadas populares para as bordas quando não, para fora (ainda que se considere a existência de favelas também dentro da cidade e não só em suas

bordas). Tal movimento de gentrificação¹ vem produzindo uma cidade que pretende ter um lugar ativo no novo mapa econômico do mundo.

Sendo apontada já há décadas como uma cidade de classe média, Curitiba tem apresentado, de modo geral, bairros centrais e na parte norte da cidade com uma boa infraestrutura e acesso a determinados bens sócio-econômicos, culturais e ambientais, enquanto outros (geralmente mais afastados e tendencialmente mais ao sul²), e mesmo grande parte de sua região metropolitana, com uma infraestrutura precária.

Neste sentido, fica evidente que nem todos os espaços da cidade oferecem as mesmas condições a seus moradores. Pesquisas recentes sobre os “efeitos dos bairros” na socialização dos indivíduos vêm analisando, por exemplo, os efeitos da segregação espacial sobre os comportamentos e trajetórias sociais dos indivíduos. Mas, enquanto existem pesquisas que estudam bairros pobres e suas deficiências, outras, vêm analisando “que o bairro pode ter efeitos plurais e ambivalentes e que pode constituir para os indivíduos, tanto um recurso quanto uma restrição” (Authier, 2006, p. 208). Tais trabalhos sublinham que “esses efeitos não são nem mecânicos nem uniformes, uma vez que agem diversamente de acordo com as propriedades sociais dos indivíduos”. (p.212)

Desta maneira, pode-se perguntar: se os bairros não oferecem as mesmas possibilidades a seus moradores, tais diferenciações podem proporcionar que tipo de socialização infantil? É neste terreno, portanto, que se desenvolve a pesquisa aqui em parte relatada, objetivando conhecer como crianças e suas famílias se apropriam e praticam a cidade, como se socializam nos bairros, como exercem este direito à urbe. E mesmo optando por analisar esta questão por meio de uma pesquisa qualitativa e de longo prazo (pretende-se acompanhar as crianças da pesquisa pelos próximos anos), já é possível, neste artigo, desenvolver alguns aspectos desta questão. Isto quer dizer que, iniciando por conhecer questões básicas sobre o deslocamento das crianças, pretende-se obter dados importantes sobre estas questões maiores da pesquisa. Os referenciais teóricos utilizados são tanto os da Sociologia Urbana (Authier) quanto da Socialização (Lahire) e espera-se com uma coleta de dados qualitativa, demonstrar como as crianças atuam e são produtoras de cultura, o que já vem sendo discutido pelo campo da Sociologia da Infância.

¹ Este termo está sendo utilizado nos últimos anos, também para designar “outros processos de ‘revitalização’ de centros urbanos degradados e de ‘elitização’ das cidades (...) e, também, a novas categorias de populações”. (Authier e Bidou, 2008, p. 14).

² Ver, por exemplo, o movimento de reassentamento de famílias advindas de ocupações, em direção sempre ao sul e bordas da cidade. Ver mapa divulgado pelo Jornal Gazeta do Povo (2/7/2010). Ver ainda, mapa da pobreza e da violência na cidade a partir de dados do IBGE. (http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2012/mapa2012_pr.pdf)

1. Questões metodológicas da pesquisa

Nesta primeira fase da pesquisa foram coletados dados a partir de longas entrevistas com seis crianças estudantes do 5º ano de escolas da rede municipal de educação de Curitiba, bem como com suas mães (e em alguns casos também os pais), além de realizadas observações, passeios e fotografias das regiões visitadas. As crianças são na maioria da classe popular, com dez anos³ no momento da entrevista e estavam assim distribuídas por região de moradia: duas em regiões centrais, duas em regiões periféricas e duas em regiões consideradas favelas⁴. Assim os quase 1 milhão e 800 mil habitantes da cidade dividem-se em 75 bairros organizados em 9 regiões, das quais 4 regiões⁵ puderam ser, a partir da pesquisa, melhor conhecidas.

Com relação à coleta dos dados, vários problemas iniciais foram encontrados. Partir da compreensão de que a criança é atora, que tem direito a falar, expressar suas ideias e que o pesquisador, portanto, ao se aproximar dela, não estabelece uma simples relação de entrevistador-entrevistado, mas de cumplicidade, procurando dirimir a tensão na hierarquia adulto-criança, impôs o estabelecimento de diversos critérios de entrada em campo. Primeiro, optou-se por não entrevistar as crianças na escola, pois havia a preocupação de que elas imaginassem que deveriam responder às questões de forma “escolar”, ou seja, imaginando o adulto-pesquisador como um adulto-professor ao qual elas, provavelmente se policiariam sobre “o quê” falar. Mas, por outro lado, imaginando a dificuldade que haveria em abordar famílias e crianças de outra forma, a escola foi a porta de entrada mais segura para ajudar na escolha, indicar famílias que talvez se dispusessem a realizar vários encontros de pesquisa e também para passar confiança com relação ao trabalho da pesquisa. Assim o primeiro contato

³ Optou-se por trabalhar com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de educação, pois, estas já dispõem de um acervo tanto de experiências vividas na cidade quanto de discussões sobre Curitiba, promovidas nas escolas, o que também era necessário conhecer.

⁴ Embora em Curitiba algumas regiões, consideradas favelas, sejam também chamadas de Áreas de Risco, Ocupações ou em alguns casos, Vilas, optou-se por nominá-las como aparecem na maioria dos estudos, como favelas.

⁵ Relação entre Regiões, Bairros e Habitantes do bairro e o nº de crianças entrevistadas de cada região- 2011:

N. de crianças	Regiões	Bairro	Habitantes no bairro
1	Matriz (Região Central)	Alto da XV	8.683 hab.
2	Santa Felicidade (Norte da cidade)	Vista Alegre	9.930 hab.
	Boa Vista (Norte da cidade)	Pilarzinho (<i>Vila Nori</i>)*	27.907 hab.
3	Boqueirão (Sul da cidade)	Alto Boqueirão (<i>Pantanal</i> *)	51.155 hab
		Xaxim	54.691 hab.
		Xaxim	54.691 hab.

*Regiões consideradas favela.

com as famílias foi realizado pelas escolas e na sequência pelas pesquisadoras. Com todos estes cuidados esperava-se poder, em determinados momentos, falar somente com as crianças, separadas dos adultos. Mas, isto nem sempre ocorreu.

Em uma das situações, por exemplo, enquanto se conversava com a criança na sala de estar, diversos membros da família entravam e saíam da sala e, tanto intencionando ajudar criança e pesquisador, quanto considerando que o filho (ou o irmão) não explicava direito, intervinham acrescentando ideias ou discordando da ideia exposta pela criança.

Ainda com relação a entrevistar fora do espaço escolar, uma das situações ocorridas, demonstrou esta suspeita com relação à escola não ser o melhor local para as entrevistas, mesmo com relação aos pais. Houve uma situação em que se entrevistava um casal, no parquinho próximo à escola e à casa da família, mas, começando a chover, o casal preferiu retornar à escola e a entrevista prosseguiu em uma sala vazia. Mas, quando os pais falavam das dificuldades de visitar um determinado museu da cidade, entra na sala a vice-diretora e intervém, falando, não sem ironia, de que a cidade contava com diversos museus possíveis de serem visitados.

E ainda sobre organizar espaços ideais que pudessem dar verdadeiramente voz à criança, a situação mais complicada ocorreu com Talita⁶. Após uma primeira entrevista com a mãe na biblioteca da escola (pois ela esperava a filha que fazia reforço escolar e achou por bem conceder a entrevista neste tempo livre), insistiu-se que, no caso da conversa com sua filha, que esta ocorresse em sua casa ou nas proximidades para que as pesquisadoras pudessem conhecer melhor a região onde a família morava. Sendo impossível que isso acontecesse, pois, segundo a mãe, traficantes controlavam as pessoas que entravam e saíam da favela, a conversa com Talita se deu em uma pequena sala ao lado de uma igreja próxima da região de moradia da criança. Como neste local Talita sempre brincava de boneca enquanto a mãe participava das reuniões e ajudava os membros da igreja, sentiu-se tranquila para conversar ali. Mas, nos momentos em que a criança falava sobre os locais perigosos da favela, baixava consideravelmente o tom de voz e, nas duas vezes em que a mãe entrou na sala para ver se estava tudo bem, percebia-se visivelmente que ela estava desconfortável com a situação. Soube-se depois que naquele dia participava da reunião, moradores que poderiam levar informações a traficantes sobre nossa estadia lá. Nesta situação, ao final da entrevista, as pesquisadoras já estavam sussurrando as perguntas com medo de que pudessem prejudicar criança e família.

⁶ Todos os nomes de crianças, pais, instituições e alguns lugares foram alterados para preservar as famílias.

Enfim, as frases incompletas ditas pelas crianças e interrompidas pelos adultos, a tentativa das pesquisadoras de adequar a linguagem ao contexto a todo o momento, os tabus e os silêncios ao se tratar do deslocamento das crianças, só demonstram as dificuldades e peculiaridades de se realizar este tipo de pesquisa e justifica, ao menos neste momento, o número ainda reduzido de crianças e famílias entrevistadas.

Mas, mesmo com estes contratempos e longe do ideal para que ocorresse uma verdadeira “escuta” das crianças, os dados recolhidos foram preciosos para se começar a compreender este universo espacial em que as crianças se socializam.

2. Socialização, espaço e criança

A socialização dos indivíduos na contemporaneidade tem sido cada vez mais diversa e plural. Diferente das sociedades tradicionais, as sociedades contemporâneas são “incomparavelmente mais extensas do ponto de vista tanto espacial como demográfico, com forte diferenciação das esferas de ação, das instituições, dos produtos culturais e dos modelos de socialização e com menos estabilidade das condições de socialização” (Lahire, 2002a, p.27). Assim:

entre a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de comunicação, etc, que são muitas vezes levados a frequentar, o filhos de nossas formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até em contradição umas com as outras do ponto de vista de socialização que desenvolvem. (Lahire, 2002a, p.27)

As diversas experiências socializadoras vividas pelo indivíduo vão sendo incorporadas ao longo da vida formando uma espécie de estoque ou resumos de experiências (esquemas de ação, hábitos) que poderão ser ativados, mobilizados na situação presente (Lahire, 2002a). Mas, ao invés de se pensar em um ator que acionaria sempre os mesmos repertórios de esquemas de ação anteriormente acumulados, pode-se pensar em “um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir”. (2002a, p. 31).

Para esta pesquisa é essencial pensar a partir destas questões, pois, além do indivíduo acumular experiências a partir da interação com indivíduos, grupos, instituições e meios de comunicação, a própria relação com o espaço vivido joga também um papel fundamental nestas socializações heterogêneas. Assim, o ator social sempre agirá e aprenderá com o espaço, tanto se o seu bairro, por exemplo, lhe constrange, lhe oprime e lhe exclui, quanto se

ele lhe oferece possibilidades, recursos culturais, artísticos, ou, quando faz um pouco destas duas coisas.

Cada ator irá incorporar o social de maneira particular, a depender justamente deste estoque de esquemas de ação. Assim, há uma combinação de propriedades tanto contextuais quanto disposicionais que impulsionam o indivíduo a agir. Cada indivíduo é de alguma forma “o ‘depositário’ de disposições a pensar, a sentir e a agir que são os produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duráveis e intensas, em diversos coletivos (dos menores aos maiores) e dentro de formas de relações sociais diferentes.” (Lahire, 2002b, p.3). Nesta versão dobrada da realidade o indivíduo não é redutível ao seu protestantismo, ao seu pertencimento de classe, nível de cultura ou sexo, mas, ele é definido pelo conjunto dessas relações, engajamentos, pertencimentos e propriedades, passadas e presentes.

E, é necessário dizer ainda, tendo em vista o que se verá mais à frente, que tal conjunto de experiências é composto tanto por hábitos não reflexivos (um senso prático produzido justamente a partir destas experiências passadas, incorporadas) quanto reflexivos (fruto de um planejamento, de um cálculo). Desta forma, para conhecer o modo de agir dos indivíduos torna-se necessário também, conhecer qual é a parte que os hábitos reflexivos têm no estoque de hábitos incorporados de uma pessoa. Será necessário indagar, então, “quais são as condições sócio-históricas que tornam possível uma ação racional, em quais situações sócio-históricas os atores podem pôr em ação estratégias completamente conscientes, agir de maneira intencional e calculada”. (Lahire, 2002a, 154).

Trabalhar com esta ideia de socialização, como sendo o homem plural e tendo ele incorporado ao longo da vida experiências que lhe oportunizam responder às questões do cotidiano acionando por vezes o senso prático e por vezes o reflexivo, é importante principalmente quando se trata do processo de socialização infantil.

Neste sentido, será necessário avançar na investigação sobre os recursos materiais, relacionais, simbólicos e identitários que contextos tão variados oferecem à criança. Que experiências as crianças acumulam no bairro? Como é para a criança – e dando voz à própria criança - viver e crescer no bairro onde mora? Como elas, que estão no momento de produzir suas primeiras socializações, se socializam no bairro e na cidade? Suas experiências espaciais lhe oportunizam que tipo de reflexão?

3. Mobilidade no bairro, na cidade e fora dela

De início, pode-se pensar na relação entre o deslocamento das crianças no bairro e o grau de autonomia em seus trajetos. Neste sentido, pode-se dizer que a metade das crianças realiza o caminho casa-escola, por exemplo, acompanhada por um adulto e as outras o fazem sozinhas, ainda que no caso de uma delas- a que mora quase em frente à escola- o faz sob o olhar vigilante dos pais.

Tais dados demonstram que as crianças têm tido pouca oportunidade de desenvolver a autonomia, a partir deste tipo de prática. Neste sentido, um levantamento de estudos europeus sobre o deslocamento infantil, realizado por Huguenin-Richard (2010) demonstra vários dados preocupantes: a evolução da prática de acompanhamento de crianças durante o seu deslocamento, na Inglaterra, entre 1971 e 1990, revela um declínio muito acentuado da mobilidade independente de crianças (estudo de Hillman); especialistas acreditam que a exclusão das crianças da rua pode afetar, de modo geral, o seu desenvolvimento (estudo de Hüttenmoser e Sauter, 2006) e, em particular, sua autonomia em matéria de deslocamentos (estudo de Granié, 2004); a autonomia em termos de mobilidade é essencial ao desenvolvimento e à aquisição de habilidades sendo que o bairro se constitui como lugar de aprendizagem em paralelo à família e à escola (estudo de Risotto, 2002); a criança muito acompanhada talvez não adquira necessariamente ou suficientemente experiências de mobilidade e quando, com cerca de 10-11 anos, se vê sozinha para se deslocar, não é capaz de fazê-lo com toda a segurança. Huguenin-Richard analisa ainda que o acompanhamento pode atuar, mais tarde, como fator de risco. Na França, ela observa, com relação a acidentes com pedestres, um pico aos 11 anos, quando as crianças entram no colégio e se tornam, pela primeira vez, autônomas em seus deslocamentos. Tais pesquisas vêm denunciando o quanto a criança está cada vez mais ausente dos espaços públicos do bairro e da cidade.

Já sobre as rotinas das crianças pesquisadas, algumas delas voltam à escola em período contrário ao da aula tanto para reforço escolar quanto para atividades de ampliação cultural.

E sobre a vivência no bairro somente José que mora na região norte da cidade e em um bairro com boa infraestrutura, apresentou uma utilização autônoma. Saí sozinho para ir à locadora, à escola, ao campinho para soltar pipa e jogar bola entre outras saídas. Já Jéssica também utiliza muito o bairro, mas sempre acompanhada por um adulto. Além de ir a mercados e restaurantes, vai assiduamente ao shopping do bairro e ao cinema que existe lá, demonstrando, assim como as outras duas meninas da pesquisa, que o shopping é uma escolha frequente para elas.

As outras quatro crianças da pesquisa não utilizam intensamente o bairro onde habitam. Karla, por exemplo, fica a maior parte do tempo em casa e só anda de bicicleta em frente de

casa se o pai estiver “de olho”. Já Cláudio, apresenta uma rotina tomada por visitas a psicólogos e neurologistas, em bairros vizinhos ou centrais e quando está em casa, brinca dentro de casa ou no quintal com sua cachorra.

As outras duas crianças, Rafael e Talita, são exemplos extremos de uma “fuga” planejada e diária do bairro de moradia, embora de maneiras bem diferentes: uma deslocando-se do bairro e outra ficando nele. Assim, Talita, que apresenta a situação menos favorável do ponto de vista econômico e espacial, sai diariamente da favela (situada na região norte) com sua mãe, criando fora dali, uma rotina com diversas atividades. Já do outro lado da cidade, a criança que habita também em uma favela, mas, da região sul e com uma situação econômica bem mais favorável (parecendo estar, a família, inclusive, em situação de mobilidade social), tem pais que fizeram um verdadeiro espaço de lazer em casa, para que seus filhos nunca tenham que sair para a rua.

Neste sentido, enquanto a primeira criança vai semanalmente a duas igrejas, ao postinho de saúde, fazia aulas de tênis à tarde na escola, faz ainda contra turno escolar e no sábado a catequese, a aula de coroinha e aula de dança para apresentação em outras igrejas, isso tudo para preencher a vida fora do bairro de moradia, a outra criança fica em frente à TV, vídeo game e computador todo o tempo, participa de festinhas em casa com a família e só sai esporadicamente ou quando o pai, que é marceneiro e trabalha em casa, precisa realizar alguma entrega.

Sobre a relação das crianças com a igreja, chamou a atenção que metade delas tem diversas atividades semanais relacionadas à Igreja Católica. Sobre tal intensidade de atividades supõe-se que, como a maioria das crianças entrevistadas tinha dez anos no momento da entrevista, estariam em um período propício para os estudos de Primeira Comunhão. Na sequência da pesquisa será necessário verificar se no caso de outras idades e religiões esta intensidade também se verifica. Uma das três crianças que não frequentam nenhuma igreja em especial participou uma vez de um encontro espírita, mas, visita assiduamente uma Benzedeira que mora em uma cidade próxima.

Mas, se a vivência cotidiana das crianças nos bairros de moradia não é, de modo geral, muito intensa, fora do bairro, de maneira sistemática, é menor ainda. Mas, as saídas não sistemáticas –podendo ser pensadas como eventos- apresentaram-se um pouco mais variadas. Sobre a visita a parques, por exemplo- e é bom lembrar que Curitiba é conhecida tanto pela grande quantidade de parques quanto de metros quadrados de área verde por habitante- a metade das crianças da pesquisa praticamente não os utiliza. E, embora haja uma intensa divulgação de imagens de que a cidade é ecológica e a de que todo o curitibano usufrui destes

espaços, sabe-se que estes se situam mais na região central e norte da cidade do que na parte periférica e sul, região esta onde habita uma porcentagem maior de grupos sociais desfavorecidos economicamente.

E um fato interessante é que, ao falarem sobre os parques da cidade as crianças com poder aquisitivo um pouco maior mencionaram com entusiasmo a visita a parques privados que contém piscina de bolinhas, cama elástica, brinquedos ou ainda visitas ao Beto Carrero e ao Hopi Hari (parques situados em estados vizinhos ao Paraná).

4. Medos e espaço

Durante as entrevistas sempre que o assunto era a autonomia das crianças nas saídas, a voz dos entrevistados se alterava, a fala ficava mais rápida e o medo e a preocupação se estampavam em gestos e expressões. Sobre esta questão, de início os mesmos dois casos extremos, das crianças que moram em favelas distintas da cidade, podem ser evocados, embora não sejam os únicos, como se verá adiante. Eis, na primeira situação, a justificativa da mãe sobre a necessidade de sair diariamente da região onde mora:

Mãe de Talita: Olha... Por quê que eu saio? Porque, nem eu sei... eu tenho todos esse problema⁷, sabe? Então a gente entra em depressão... E daí como lá é um lugar muito agitado... Às vezes a gente tava dentro da casa da gente eles jogavam pedra na casa da gente. (...) Então daí pelo menos a gente tá aprendendo as coisa e não fica se incomodando..... Daí eu chego lá [em casa], lavo a louça, faço a janta, tomo banho, cumeço fazê minhas coisa ali até uma hora eu vô dormi... Então a gente não se estressa... Cê sabe? A gente chega, fecha o portão... Fechô ali, baxô a cortina... O que tá acontecendo ali a gente não tá vendo nada... ontem mesmo esfaquearam um, só fiquei sabendo hoje de manhã... [Ri]

Já no caso da segunda criança, a dos pais que estão criando um verdadeiro espaço de lazer em casa para que seus filhos não precisem sair, conta Rafael:

R: Antes era quase todo sábado, eu tava num churrasco aqui em casa...
Entrevistadora 3⁸: É... A tua mãe falou que vocês gostam de fazer festa aqui...
Irmã: Ahã...
Entrevistadora 3: Que isso aqui vai virá um salão de festa, né?
Irmã: Vai... [Ri]
R: Vai... [Ri] Olha aí... [Aponta para o teto, mostrando o globo espelhado] Já tem globo, já tem tudo...(...)
E vocês sempre fazem festa?
R: Sempre!

⁷ Optou-se por manter na transcrição a fala coloquial tanto das entrevistadoras quanto das crianças e famílias para preservar as tensões do discurso.

⁸ As entrevistas foram realizadas com a ajuda de duas bolsistas de Iniciação Científica da universidade. Registrou-se assim, na transcrição, Entrevistadoras 1, 2 ou 3.

Entrevistadora 3: É quantas vezes assim? Uma vez por semana?
Irmã: Quando dá vontade de fazê, já tá fazendo...
R: Até... Até de semana meu pai faz...

E em outro momento da entrevista, a ideia de permanecer em casa, também aparece:

Entrevistadora 3: Rafael... Que que você gosta aqui do bairro?
Rafael: O que que eu gosto?
Entrevistadora 3: É...
Rafael: Ficá em casa...
Entrevistadora 3: Só em casa?
Rafael: É...
Entrevistadora 3: Por que?
Rafael: Sinto bem... Tem tudo...

No caso de todas as crianças entrevistadas o medo se traduz também em um grande controle dos pais sobre as saídas dos filhos. Sobre isso, a irmã de Rafael comenta: “É, ele vai... Mas só í aqui perto... E a mãe marca quanto tempo vai demorá... Tipo lá pra cima [perto da escola], da onde você veio, ele não pode, minha mãe não deixa...”

E, neste contexto de insegurança, as amizades também passam por um forte crivo. É possível verificar esta tensão na forma com que o pai que criou o espaço de lazer em casa, interfere na conversa para deixar claro que permite ao filho, ainda que esporadicamente, utilizar o espaço do bairro, mas contanto que tal utilização não esteja relacionada a se envolver com crianças moradoras da favela:

Rafael: Daí eu fico só em casa... Às vezes eu saio pra í jogá bola...
Pai [intervém na entrevista]: Só quando os amigo dele vem aí... Amigo de fora... Sabe... Assim...
Entrevistadora 3: Mas aqui não?
Pai: [Cuidadoso] Não, aqui não... Aqui ele não se envolve... Não se envolve... [Faz um ar de reprovação] (...)
Pai: Só quando vem os amigo de fora, daí ele vai no campo ali jogá... Brincá de bola com o pessoal...

Já a mãe que mora na favela da região norte também demonstra preocupação com as saídas da filha na casa de amigos e outro detalhe na fala da mãe não pode escapar:

Tereza: Porque é tudo... É tudo... Como que fala anssim? É tudo longinho assim... tem as veiz que as amiguinha fala... A Talita chega e fala: ‘*Mãe, a menina me convidou*’... eu falo ‘*Talita, eu não posso, porque pra começá eu não conheço a mãe da menina, a mãe da menina não me conhece, e eu não sei como que é o jeito lá... e...*’, né? Então... Um dia eu até deixei, daí depois o meu marido falô assim: ‘*Como que você vai deixá a menina í e você não sabe...*’ Porque daí acontece tanta coisa, né?

Esta fala “Porque daí acontece tanta coisa” é recorrente nas entrevistas com os pais e como maior acento ainda, na fala dos pais das meninas. O trecho abaixo, com a mãe que mora

no Xaxim, traz esse mesmo sentido. A mãe menciona ter conversado com a filha sobre uma situação vivida na cidade de Curitiba no ano 2008 em que uma menina de nove anos foi encontrada estrangulada e com indícios de violência sexual, em uma maleta, na rodoviária da cidade. A menina foi pega, justamente, quando fazia o trajeto escola-casa sozinha, parte de ônibus, parte a pé, no centro da cidade:

Mãe: Não adianta eu botar uma venda no olho dela e dizer que é aquilo não existe... Existe e muito pior... Entendeu? Ela ficou horrorizada com aquela história da... [Tenta lembrar]

Pai: Da mala, né?

Entrevistadora 1: Da menina da mala...

Mãe: Cristo... Da menina da mala... Da menina da mala... Da Raquel... Ai veio... Entramos na questão da saída da escola... Que tá saindo da porta de casa... Que tá indo pra outra escola... Ela é menina... Porque todo mundo diz que a gente protege mais... a menina em si... Olha o que deu... *'E você quer ir sozinha?'* Ela nunca questionou de ir sozinha ou não ir sozinha... Ela sabe porque a gente mostra pra ela, a gente mostra o que é a realidade hoje em dia... Ela ficou horrorizada com aquela história... *'Como que a pessoa tem coragem de fazer aquilo?'* Eu disse... Tem gente ruim que faz... Tem gente que faz... Tem gente muito maldosa no mundo.

Já a família que mora em um bairro central e muito bem equipado diz: “Não dá pra largá, não dá pra deixá... Você tem que ficá o tempo todo de olho... Se é a bicicleta... Você tem que ficá de olho pra vê se ninguém vai tomá a bicicleta da criança”.

E na relação das crianças com os espaços para brincadeira as preocupações continuam:

Mãe de Talita: Então... Pra vim ali no... Da minha casa... [Baixa o tom de voz]. Tem um bar aqui... Outro aqui, sabe? Então... Você tem que tá seguindo pelo meio... Daí... Então... A Talita quando vai lá brincá fica ali no meio... Fica no meio dos dois bar... Sabe? Então... E daí... Quando começa tumultuá... Assim... Começa a chegá aqueles cara... Que eu vejo assim... Que começa a dá aqueles fervinho assim...(...) aí eu já chamo prá dentro.

E, ainda sobre o medo, ele pode se apresentar de maneira bem mais próxima da realidade de muitas crianças, como mais à frente se verá, ou mais distanciada, imaginada. Jéssica que habita em uma parte da região sul com boa infraestrutura comenta:

Tem um shopping perto que tá abandonado, pode ter água empoçada e pode ter dengue e pode ter alguém, fazendo alguém de refém, bandido. O shopping tá abandonado, acho que a prefeitura devia demolir e abrir outras lojas pra baixo. Aqui num tá a minha casa? É bem lá pra baixo, sabe, é do lado, continua o mercado, o pátio dele é muito grande [tentando explicar o trajeto até o shopping].

As preocupações também parecem estar contidas nas histórias com pitadas de suspense e fantasia, contadas por Cláudio:

Olha, eu acho isso muito assustador, porque toda vez que eu entrava no bosque eu ficava tão desconfortável, que eu passava mal (...). Aí falaram também que antes disso tudo, dos João Derosso vir, os imigrantes eles, iam ali na igreja e, tipo, pegavam e matavam as pessoas que tentavam fugir e, enterravam ali mesmo, então aqueles corpos ficavam por anos e anos. Antes de acontecer tudo isso, a gente achava que era uma lenda, só um mito, logo depois a gente começou a perceber que mais ou menos era verdade, todo mundo ficou meio assustado e até o guarda também e nem deixava a gente entrar e aquilo nunca mais aconteceu, só que na antepenúltima aula [aula da Guarda Mirim na igreja] (...), aí depois eu entrei no bosque, sentei, sozinho (...) aí eu tive um pressentimento que tinha alguém falando no meu ouvido assim: ‘*Saia daqui, antes que um matador te mate*’, aí, eu fiquei assustado e saí correndo.

Em outras situações relatadas pelas crianças observam-se diferentes mecanismos de ação criados por elas, como a consciência e a avaliação do perigo e a reflexão e a decisão sobre os espaços em que devem ou não circular. O caso das ruas do bar contado desta vez pela criança mostra que Talita está desenvolvendo uma forma rápida de avaliação dos perigos:

Menos onde eu gosto é ali onde começa aquelas ruas dos bar... Não gosto dos bar. Eles arranjam muito briga. Daí começa de se pega... Daí a gente têm que saí rápido da frente pra í entra pra dentro de casa...

Ao relatar sobre um lugar do bairro onde “não é bom de ir” José também demonstra esta consciência:

Entrevistadora 1: Daí (...) tua mãe diz que aí não é bom de ir?

J: Nem precisa dizê...

Entrevistadora 1: Você percebe?

J: Não, eu mesmo percebo... [Silêncio]

[mais para frente, na entrevista]

Entrevistadora 1: Lá embaixo assim é porque a rua é ruim de caminhá e porque também tem...

J: É... mas já mataram também ali... A mulher dele... [Inaudível]

Entrevistadora 1: Como é ?

J: [Cochicha] A mulher dele saiu das droga, né... (...) Ela assim, ela vivia brigando com ele, né... Ele jogava às vezes umas coisa dela fora... que era boa né... (...). Daí os traficante foi lá e matou ela... Deu, eu acho que, dois tiro nas costa, não sei... Daí a vizinha: “*Aaaaave*”... Deu um gritão, daí eu não sei o que aconteceu... Daí o barraco tava ali...

E as crianças sabem que precisam desenvolver coragem para enfrentar tais situações: Rafael, sobre a mudança de escola para o 6º ano diz: “Só que eu vô tê que aprendê à andá sozinho; ou José, sobre aventurar-se mais longe: “Eu quero í né... Uma veiz eu já fui até a Mercês sozinho no ônibus...”.

Continuando a história do bosque assombrado, fica claro que as crianças se colocam verdadeiramente como atoras:

Depois eu falei com o padre, *‘Aquele bosque o Antônio pesquisou na internet, antes dos... de todo mundo vir aqui, antes do Derosso, só era mato, os imigrantes que vieram eram muito malvados e mataram muitas pessoas ali, eu acho melhor, que é melhor vocês fecharem aqui, colocar uma placa que não é melhor entrar aqui não, que toda vez que alguém entra ali, passa mal’...*

E outra questão que ficou evidente na pesquisa é que as crianças demonstram agir de formas diferentes a depender dos espaços aonde vão. Neste sentido, vale lembrar que atores sociais, em universos diversos, aprendem muito rápido “que aquilo que se faz e se diz em tal contexto não se faz nem se diz em outro contexto” (Lahire, 2002a, p.37). E, este modo de agir, no caso de algumas das crianças entrevistadas, parece ser uma medida de proteção entre outras coisas, contra a deterioração de sua autoestima:

Entrevistadora 2: Você também tem essa preocupação em falar do bairro?
Talita: Eu não gosto... Quando as minhas amiga perguntam ondi que eu moro, eu invento outra coisa, né? Eu falo bem assim... Ela vai me perguntá onde que eu moro... E eu falo bem assim *‘Vamo brincá mais?’*... Nós vai lá e brinca...

E ainda outro trecho da mesma criança:

T: Tem umas amigas minha que começa assim a fala: *‘Ai!’* Elas começam falarem assim: *‘Ai, sabe, acho que eu não vô ser, sabe, acho... Quería descobri quem que daqui da sala que for nossa amiga, eu não vô sê amiga daquelas que mora na favela’*.
Entrevistadora 2: É por isso que você fica com esse receio?
T: Uhum... Daí eu tenho vergonha de falar...

Neste sentido vale lembrar novamente que o bairro “não é simplesmente um cenário” (Remy in Authier, 2006, p. 209), mas, um “meio”, no sentido durkheimiano do termo, e isto quer dizer que ele é “uma entidade produtora, dispondo de propriedades próprias que têm efeitos sobre ‘o curso das ações humanas’, e em particular, sobre as maneiras de habitar e de coabitar dos indivíduos”. (Authier, p.209). E Authier demonstra, a partir de diferentes trabalhos (Paugam, 1994; Villechaise-Dupont, 2000; Avenel, 2001) que em bairros estigmatizados (contrariamente ao que se pode observar em bairros que têm uma imagem valorizada) os moradores têm frequentemente tendência de colocar à distância os outros moradores do bairro, e o próprio bairro, ele mesmo, para escapar ao estigma.

Considerações Finais

De modo geral, a pesquisa está demonstrando que as primeiras socializações das crianças são variadas e que estas agem, muitas vezes, de maneiras diferentes conforme os lugares aonde vão, o que indica uma pluralidade de lógicas de ação (Lahire).

E se por um lado até agora foram encontradas coincidências entre as socializações das crianças entrevistadas, em determinados aspectos- todas elas apresentaram medo com relação às saídas; quase todas, pouca autonomia com relação a deslocamentos; poucas vivências fora do bairro; um super acompanhamento, controle e construção de toda uma reflexão por parte dos pais com relação aos trajetos realizados-, por outro, e também sob determinados aspectos, torna-se impossível uma comparação. Caso se comparasse, por exemplo, duas crianças que moram em uma mesma região e que apresentaram grandes interações nos seus deslocamentos (por exemplo, José e Talita), se verificaria que as duas habitam de formas bem diferentes, uma na favela e outra não, e uma sai acompanhada e outra não. E, caso se quisesse comparar as duas crianças moradoras das favelas, uma da região norte e outra da região sul, se encontraria novamente aí, formas completamente diferentes de apropriação do bairro frente a perigos e violências a que estão submetidas cotidianamente.

E, caso se analisasse ainda as duas crianças com o maior capital econômico e cultural das seis crianças, Karla e Jéssica, a primeira tem uma família com um dos maiores níveis de medo nos seus discursos (ainda que morem na região mais favorável e central da cidade) e uma das menores mobilidades da criança no bairro, e a segunda, apresentou uma vivência e um uso da região onde mora, bastante ativa e interessante (sendo o papel da mãe e dos avós, importante de se considerar neste processo). Agora, sobre os meninos, José tem uma vivência das mais autônomas no bairro enquanto os outros dois, Cláudio e Rafael, parecem frágeis e em alguns aspectos infantilizados pelos pais que não os deixam sair de casa, pois, segundo eles, os filhos ainda são pequenos (são, coincidentemente os caçulas de suas famílias) e principalmente pelo medo dos perigos oferecidos pelos bairros onde moram.

Enfim, o aprofundamento da investigação dos processos que conduzem à apropriação do espaço e a ampliação do escopo de crianças envolvidas na pesquisa possibilitará a realização de comparações mais seguras para que não se caia na cilada nem de realizar generalizações abusivas nem de reforçar uma fragmentação excessiva das práticas dos sujeitos.

Os dados apontaram ainda as poucas opções que as crianças têm tido de exercer o seu direito de ser criança, deslocando-se com segurança na rua, no bairro ou mesmo no caminho casa-escola como também de encontrar locais seguros para brincar, jogar, ou desfrutar de

espaços de ampliação cultural, sendo estes últimos quase inexistentes e, ainda mais, caso se considere a localização destes supostos espaços nas proximidades de suas moradias.

Sobre as influências do próprio espaço na socialização das crianças é possível ponderar, por exemplo, o quanto o bairro restringe a vida de Talita que se afasta da favela diariamente, ainda que se possa pensar que, paradoxalmente, são estas saídas que lhe permitem ter uma convivência diversificada e um pouco menos empobrecedora a partir das atividades que faz fora do bairro. E o quanto de recursos, pensando em outro exemplo, o bairro de Jéssica pode lhe oferecer, ainda que se possa questionar também o espaço do shopping no sentido das influências problemáticas da sociedade de consumo atual.

E pensando um pouco com Lahire (2002a) quando este pergunta quais seriam as condições sócio-históricas que fariam com que os atores pusessem em ação estratégias conscientes e intencionais, os dados da pesquisa parecem indicar alguma coisa neste sentido. Ao que parece, frente a um contexto de insegurança, violência, enfim, de medo, as famílias desenvolvem com suas crianças estratégias conscientes, práticas espaciais reflexivas cotidianas podendo-se deduzir daí que tais práticas podem vir a ser incorporadas nos seus estoques de experiências como hábitos reflexivos. Assim já nas socializações primárias espaciais da criança se estaria frente a um exemplo de incorporação deste tipo de hábito, destas disposições a agir.

Referências Bibliográficas

AUTHIER, Jean-Yves. La question des “effets de quartier” en France. Variations contextuelles et processus de socialization. In : AUTHIER, Jean-Yves; BACQUE, Marie-Hélène; GUERIN-PACE, France. **Le Quartier: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales**. Paris: La Découverte, 2006.

_____; BIDOU, Catherine. La Gentrification urbaine. **Espaces et Sociétés**. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, n. 132-133, 2008. (Éditorial).

HUGUENIN-RICHARD, Florence. La mobilité des enfants à l'épreuve de la rue. **Enfances, Familles, Générations**. Montréal: INRS, n. 12, 2010.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. **Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles**. Paris: Nathan, 2002b.

MONTANDON, Cléopâtre. **L'éducation du point de vue des enfants**. Paris: L'Harmattan, 1997.

ROSE, Damaris et SÉGUIN, Anne-Marie. Les débats sur les effets de quartier: que nous apprennent les approches centrées sur les réseaux sociaux et le capital social? In: AUTHIER,

Jean-Yves; BACQUE, Marie-Hélène; GUERIN-PACE, France. **Le Quartier:** enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2006.

SIROTA, Regine. (org). **Éléments pour une sociologie de l'enfance.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.